

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 11

FORTALEZA, 15 DE JUNHO DE 1887.

SUMMARIO

Expediente ;
Pestalozzi.—J. DE BARCELLOS ;
A setta e a canção.—BRUNO JACY ;
A jangada.—DR. GUILHERME STIDART ;
Medo de alma.—J. GALENO ;
Estatuetas.—A. MARTINS ;
Quinze dias.—I. L. ;
O vigario.—J. MARTINS ;
Letras e Artes ;
Contraste.—RODOLPHO THEOPHILO ;
O Caipóra.—PAULINO NOGUEIRA ;
avisos ;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	28000
Semestre	48000
Anno	88000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	58000
Anno	108000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

PESTALOZZI

I

No leito da morte,—em carinho para a paz eterna—soluçando o ultimo adeus, dizia Pestalozzi :

«Enterrem-me sob o beiral do telhado de minha escola ; gravem apenas meu nome na pedra que me cobrir os restos. Quando a escavarem as gottas que caem do céu, os homens não de ser mais justos para comigo.»

E o foram. Entre os povos cultos, poucos nomes merecem hoje tanta veneração, como o de João Henrique Pestalozzi, o pae da pedagogia contemporanea.

Sob seu nome, por toda a parte, se fundam sociedades, se publicam jornaes, se abrem estabelecimentos

de ensino. Livros, a constituem bibliothecas inteiras se escreveram e se escrevem sobre sua vida, sobre seu methodo, sobre suas obras.

E, em mais de uma pobre escola de aldeia, na Suissa, na Allemanha, lá vereis suspensa à parede, como unico ornato, a grosseira imagem de suas feições, a perpetuar-lhe a vida, o nome e a imitação (1).

A posteridade não foi injusta para aquella que, durante oitenta annos de sua vida laboriosa, repassada de amarguras, devotou-se pela ideia mais fecunda dos tempos modernos (2) : a regeneração dos povos pela educação elementar ; para aquella que dessa ideia fez sua unica paixão, a que parecia abafar-lhe no coração todas as paixões ordinarias do homem, todas as paixões egoistas.

Pestalozzi não excedeu, não egualou seus grandes predecessores e contemporaneos, nem pela cultura geral, nem pelo alcance de vistas pedagogicas, nem por um ensino methodico, nem por um talento de organização e direcção, nem por creações permanentes.

Pelo contrario, em todos esses pontos de vista, levam-no a melhor muitos pedagogos. (3).

O que o fez grande, o que o tornou o mais celebre de todos, o que o elevou a uma gloria immortal, foi seu amor, inexcedivel, inexhausto pelos pobres, fracos e ignorantes : foi seu coração puro, sua alma ardente, seus infatigaveis esforços, seu sublime sacrificio pelo bem estar moral e intellectual da humanidade.

«Pestalozzi—diz Ch. Dolfus—teve o genio do amor e este, concentrou-se em tudo quanto na terra ha mais digno de excital-o : as creanças e os pobres. Esses dous amores, uniu-os Pestalozzi em um só ; e, até a mais completa abnegação, amou a creança pobre, o orphão da sociedade, consagrando-lhe todos os movimentos de seu coração, todos os momentos de sua vida.

Si em outra época—diz um deseus

(1) A. Cochin, «Pestalozzi—sa vie, ses œuvres.»

(2) R. de Guimps—Histoire de Pestalozzi.

(3) Dittes—«Histoire de l'éducation», traducção de A. Redolf.

biographos—si em outro meio vivera, Pestalozzi fôra um santo, e poucos tem a igreja catholica que sejam maiores e mais puros.

João Henrique Pestalozzi nasceu, em Zurich, na Suissa, a 12 de Janeiro de 1746. Mal contava seis annos de idade, quando lhe morreu o paes cirurgião de origem italiana.

«Minha mãe—diz Pestalozzi no *Canto do cysne*,—sacrificou-se pela educação dos tilhos com uma completa abnegação, privando-se de tudo o que lhe podia ser agradável. Auxiliou-a uma pessoa cujo nome jamais se apagará de minha memoria. Pouco tempo depois de ter ella entrado para nossa casa, como criada, grangerou-nos a estima por sua fidelidade e rara energia.

Afflicto com as consequencias de sua proxima morte para uma familia que ia deixar quasi sem recursos, meu pae chamou-a e disse-lhe : «Babelli, pelo amor de Deus e de todas as suas compaixões, não abandones minha mulher ! Que será della depois de minha morte ? Q' será dos meus filhos entregues a mãos estranhas ? Sem teu auxilio, ella não poderá educal-os.» Tocada na nobreza e singela innocencia de seu coração, ella foi magnanima até o sacrificio. «Si o senhor morrer, disse Babelli, não abandonarei sua mulher ; enquanto eu viver, ficarei com ella, se precisar de mim.» Estas palavras tranquillizarão a meu pae moribundo ; a satisfação brilhou-lhe nos olhos ; expirou com o coração consclado.

A creada cumpriu a promessa.

A infancia de Pestalozzi passou-se entre essas duas mulheres : sua mãe e a fiel creada.

Por excellentes que fosse sua primeira educação, sobretudo quanto ao desenvolvimento do coração, ficou e necessariamente devia ficar incompleta.

Quasi sempre encerrado na estreita habitação da familia, faltaram-lhe inteiramente, como elle mesmo o confessa, todos os meios e attractivos essenciaes ao desenvolvimento da força da experiencia, da maneira de pensar e dos exercicios viris, quando mais precisos lhe foram.

Sua natureza era sentimental, viva, impressionavel. «Pestalozzi, di-

zia Niederer, tem tanto de mulher como de homem."

A educação materna deixou-lhe n'alma impressões indeleveis, exerceu decisiva influencia sobre seu caracter e sua vida.

Pestalozzi, durante toda sua existencia, não passou de uma criança quanto à intelligencia pratica, diz Frederico Dittes. O centro de sua personalidade era o coração e o amor. A mulher, a mãe, tornou-se para elle o ideal do educador; foi às mães que dirigiu seus conselhos, suas exhortações; é a ellas que confiou a mais importante posição na educação dos meninos (4).

Nos bancos da escola elementar, Pestalozzi foi alumno mediocre. Estava-se opre distraído, pensativo. Os camaradas chasqueavam de sua fealdade, de sua negligencia; abusavam de sua credulidade, da bondade de sua alma. O mestre dizia: "aquillo não dará para cousa alguma."

«Desde a infancia, escreveu Pestalozzi, fui sempre o juguete de todos; uma educação, que dava alimentos a todos os sonhos de minha imaginação, deixava-me incapaz e igualmente de fazer o que fazem os outros, e de gozar do que os outros gozam. Meus camaradas da escola faziam de mim o que queriam. No dia do grande terremoto de Zurich, quando mestres e discipulos se precipitaram uns sobre os outros, para descerem a escada, e que ninguem queria arriscar-se a voltar à classe, fui eu quem foi buscar bonets e livros."

Pestalozzi ia passar as ferias em casa de seu avô, ministro protestante, em uma aldeia mui perto de Zurich. Acompanhando-o às visitas que fazia às escolas, aos pobres, aos doentes da parochia, elle iniciava-se nas realidades da vida do povo, via de perto suas profundas misérias. Foi então que lhe veio a primeira idéa daquella vida de dedicação a que se devia consagrar até seus ultimos dias.

Quiz ser padre como seu avô.

Aos 18 annos, entrou para o collegio de humanidades de sua cidade natal. Como estudante, adquiriu a reputação de exquisito, de original, pela insupportavel negligencia de sua pessoa, por uma distracção que ia até o excesso.

Estudava theologia. Conta-se que fazendo um sermão de eusáio, foi accomettido de um ataque de riso, que o obrigou a descer do pulpito.

Renunciou à carreira ecclesiastica, para estudar jurisprudencia.

Depois do sacerdocio, nenhuma carreira lhe pareceo mais nobre, mais util aos homens do que a car-

reira de advogado. Defender os oprimidos, tornou-se então o seu ideal, a sua ambição.

Naquelle tempo, em Zurich, como na maior parte dos can'tões suissos, os camponeses eram duramente oprimidos pela burguezia (5)

O *Emilio*, o *Contracto social* de João Jacques Rousseau, recentemente publicados, começavam a exaltar o espirito da mocidade.

O espectáculo da servidão do povo, as idéas de liberdade republicana que bebiam nos escriptos do celebre genovez, no ensino de seus professores, no de Bodmer sobretudo, excitavam, nos estudantes de Zurich, coleras generosas, pensamentos de revolta.

Ia levedando vivamente em todos os corações o fermento revolucionario.

Os homens mais eminentes se associavam-se a essas aspirações à uma melhor ordem de cousas, faziam-se bellos planos de reforma; sonhava-se com uma regeneração nacional.

Por esse tempo fundou-se a *Sociedade Helvetica* com miras patrioticas. Bodmer, em Zurich, organisou outra sociedade composta de estudantes, entre os quaes Pestalozzi, Lavater, Fusili que encetaram a publicação de um periodico, o *Memorial*.

Sobrevieram os tumultos de Genebra (1766).

O governo de Zurich quiz intervir à força armada.

Muller, estudante de theologia, escreveu então e leu a alguns amigos, um dialogo entre um camponez, um baillio e um burguez, no qual a medida em projecto era criticada em termos mui vivos. Espalharam-se numerosas copias desse dialogo, contra a vontade do autor.

O governo considerou a leitura e a transcripção da satyra como uma conspiração contra a segurança do Estado.

Pestalozzi, Vogel e outros foram presos. Muller refugiou-se em Berlim. As copias do dialogo sedicioso foram queimadas na praça publica pela mão do carrasco. Muller foi banido. Prohibiu-se a publicação do *Memorial*.

Os "patriotas" foram postos em liberdade, mas ameaçados com a perda dos direitos civicos, se recommecassem a agitar a opinião.

Pestalozzi, muito mal visto das familias dominantes, comprehendeu que já não havia mais expectativa de exercer algum cargo, em que podesse servir à patria.

Renunciou a seus estudos de direito; fez-se agricultor.

(Continúa)

J. DE BARCELLOS.

A setta e a canção

(LONGFELLOW)

Um dia disparei nos ares uma setta
E não busquei saber qual fora a sua meta.
Quem de tão ina vista ousára se gabar,
Q' a setta no seu vôo podesse acompanhar?

Um dia desferi ao vento uma canção,
Não soube onde echoou, si foi perto ou
(distante).
E qual seria a vis'a aguda e penetrante,
Que acompanhasse o voo da tenue viração?

Depois, muito depois, em um carvalho
(antigo),
A setta, inda perfeita, um dia conheci.
Tambem minha canção mais tarde descobri
Q' inteira a conservara um coração amigo.

BRUNO JACY.

A JANGADA

Sob essa epigrapha publicou o Sr. Dr. Paulino Nogueira, no ultimo numero da "Quinzena," um trabalho interessante, como todos os que sahem de sua penna amestrada em cousas que nos dizem respeito.

Já o disse algures, e repito com prazer, que elle é, dos nossos patriocios que se entregão à faina de fazer conhecidas a historia e geographia da Provincia, quem melhor se tem sabido da empreza; seu artigo, pois, sobre *jangada*, não podia sinão agradar-me e muito, e si delle posso destacar alguns trechos, distinguirei sobretudo os que se referem às partes componentes e aos accessorios da nossa veleira embarcação.

Em tudo estou de accordo com o meu illustre Presidente do Instituto, menos em que tanto a palavra «(jangada) como o objecto, cons-trucção e uso são peculiares ao «indigena do Norte do Brazil, des-«de Maranhão até Alagoas, unicas «provincias onde existem esses «navios.

«Essa palavra compõe-se de *jan* «correr, *ig* agua e da desinencia «verbal *ara* (corrompida por eu-«phonia em *ada*) que exprime o «agente; vindo portanto *jan-ig-ara*, «jangada, a significar literalmente «aquillo que corre n'agua."

Consultando muitos Lexicons e alguns authores classicos, por nenhum taes conceitos encontrei corroborados, e nem por sombra algum delles se inclina a tal opinião.

E' assim que dizem:

Jangada—genero de embarcação da India. Schœdia d. f paos boiantes ligados entre si (Manoel Bernardes Branco)

Va essa definição com vista tambem a Varnhagen que supõe que só n'America encontram-se barcos com tal forma e apparencia.

Jangada—compuesto de maderos

(4) Hailman---"Twelve lectures on the history of Pedagogy."--R. de Guimps, Op. cit.

(5) J. Guillaume---"Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire".

o fragmentos del navio, que se hace para salvar la gente quando se pierde el bajel; balsa para pasar los rios ó grandes lagunas (V. Salva, Dicc. de la lingua castellana).

Jangua embarcacion pequena muy semejante à la jangada (*Idem*).

As mesmas definições se encontram no Dicc. Portugués-Espanol y Espanol-Portugués, sob a direcção litteraria de D. Eduardo Blanco y Cruz y D. José Antonio Castaneira e no Dicc. theorico, pration, historico y geografico de Comercio por Jayme, Boy publicado bajo los auspicios de la junta de Comercio de Barcelona.

Jangada--embarcação chata usada no Perú e costa septentrional do Brazil (Sismonds, citado por Webster).

Janga--embarcação chata para transporte de madeiras (João de Deus).

Jangada--armação feita de grades, que serve de embarcação (*Idem*).

Janga--especie de embarcação chata, que serve principalmente para transportar madeiras (Aulete);

—pequena embarcação chata dos Chinezes (Fernando Valdez);

—genero de embarcação chata de transportar madeira (Constancio);

—uma especie de embarcação ou navio usado na China (D. José de Lacerda).

Jangada--construcção em forma de grade de madeira que é uma especie de barco de transporte sobre que muitas vezes se assenta taboado e se levanta um mastro com sua vela (Aulete);

—pedaços de madeira unidos para transporte de cargas nos rios (D. José de Lacerda)

O Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum, de Fonseca diz: *ratis*, is, a jangada de paos, que antigamente servia de barco (Cicero). *Scirpea ratis* janga de junco de arruender a nadar (Plauto)

Janga--embarcação pequena da India (Fonseca e Roquete)

Jangada--grade de paos, etc em que se navega; paos unidos em grade que se transportam nos rios (*Idem*)

Janga genero de pequena embarcação chata que se usa nos rios (Roquete).

Jangada--composto de pedaços de madeira formando uma especie de taboado movel sobre a agua (*Id*)

Janga--genero de embarcação pequena usada na China accommodada para transportes (Moraes.)

Jangada--(de janga) grade de paos muy leves bem unidos talvez com taboado por cima: sobre ella se navega a vela; paos dispostos da maneira dicta, isto é, unidos longitudinalmente talvez em duas camadas e d'este modo se conduz a madeira debastada pelos rios ou por mar (*Id.*)

Janga--genero de embarcação chata de transportar madeira (Dicc. En-

cyclopedico de Ed. de Faria)

Jangada--(provavelmente de *janga* e desinencia *ada*) paos unidos em forma de grade que por sua leveza fluctuam sobre a agua e sobre que muitas vezes se assenta taboado e se arma um mastro e vela; servem de transportar gente, madeira e outros objectos pelos rios (*Id.*)

Escreve Chateaubriand: „E de todas as partes impellidas pelas vagas espumantes desciam jangadas para o Mechachébé...“

Ora Mechachébé ou Pae das aguas é o Mississipi, o grande rio da União Americana.

Escreve Francisco de Andrade (Chronica de D. João III 2 c. 79): *de que fizeram jangadas atravessando huns sobre os outros, que humas erão de 30 outras de 40 paos; e lê-se na „Encyclopedie des gens du monde„ importante repertorio de sciencias, letras e artes por uma sociedade de França: Os Inglezes assenhoreando-se do Canada tentaram fazer chegar a Europa as madeiras d'essa Colonia graças a jangadas munidas de velas e mastros.*

Como se vé, nada nos falla de uma palavra, de um objecto peculiarmente Brasileiros.

Duas accepções mais tem nos classicos o vocabulo em questão e é a Asia que nol-as offerece.

Jangada—s. f. especie de medida indiana (D. José de Lacerda);

Jangada--s. m. n'Asia he o Naire que por certo premio empenhava sua fé de proteger, defender a custa da vida um Portuguez e vingar as injurias que a elle fizesse alguém... *se fez jangada d'aquella fortaleza e irmão em armas com ella* (Couto fallando do rei de Baghuel).

Até agora temos considerado a opinião unanime dos homens de toda competencia.

Encaremos o assumpto sob outro ponto de vista.

Couto diz: *se fez jangada d'aquella fortaleza e irmão em armas com ella*; e Damião de Goes (Chr. Man. I. c. 86) escreve: *jangada de vinte paos, que vinhão encadeados.*

Ora, o auctor da Chronica de D. Manoel e Chronista Mór do Reino nasceu em Alemquer em 1501 e o historiador do Imperio Portuguez na India, o continuador das Decadas de João de Barros foi para Goa em 1566 e ahi morreu aos 74 annos não mais tendo voltado a Europa.

Demais, leio em Duarte Nunes de Leão (Descrip. de Portugal c. 15. M. P. c. 92 citado por Moraes): *barquinhas e janga em que trazem a Coimbra madeira e tavoado a vender* e sei que o illustre desembargador da Casa de Supplicação e muito merito historiador falleceu em 1608.

Confrontando se as datas em que floresceram esses tres vultos das letras Portuguezas e aquellas das

expedições de Moreno e outros seus patricios ao Ceará, e Norte do Brazil, Impõe-se logo a convicção de que a palavra jangada, o objecto, a construcção e uso não são peculiares ao indigena do Norte do Brazil.

Pensando em tudo o que ahi fica escripto, e além disso em que na India ha outras palavras que se escrevem com as syllabas *janga* e que ninguem dirá que são derivadas do Brasileiro, e mais ainda, considerando com que difficuldade palavras puramente brasileiras penetraram na escripta classica de Portugal, abalanco-me a affirmar que a palavra *jangada* é asiatica e d'Asia nos veio para as nossas embarcações de muita semelhança com as de que usavamos, não se remontando, todavia, sua antiguidade aos tempos mythologicos, como o disse em perfeita contradicção consigo mesmo o meu erudito amigo.

DR. GUILHERME STUDART.

Mêdo de alma

Tens mêdo de alma? Receias
De noite um'alma encontrar?...
Que mal faz a pobresinha
Que no mundo anda a penar?
Ai, quanta alma não nos busca
Sómente por nos amar?!

D'uma eu sei que não te larga...
Não te ponhas a tremer!
Que tu és o seu alento,
Encanto de seu viver...
Olha... escuta, mas não contes,
Segredo, qu'eu vou dizer..

E' de um'alma affectuosa,
Que de teu lado não sae!
No trabalho te acompanha
Soltando de amor um ai...
E no leito, quando dormes,
A contemplar-te lá vae!

Quando bordas... ella vò
Para teu collo, a brincar,
Ora os fios embaraça,
Como menina a folgar,
Ora esconde a thesourinha...
Só para ouvir-te fallar!

E quando lês... a travessa,
Si não escuta-te a voz,
Vira a folha antes de tempo.
Que movimento veloz...
De tua zanga ella ri-se,
Mas te beija logo após!

Mas, que raiva não tem ella
Si alguém contigo ralhar;
Pois dá-te razão em tudo...
Té chora se vás chorar;
Quando sorris... que alegria!
Si enfermas... quanto pesar!

E suspira si passeia
Comtigo pelo rosal,
Cantando desce as ladeiras

Quando desces para o val;
Coitadinha! Ama-te tanto...
E nunca te fará mal!

Pobre alma! bem quisera
De noite te apparecer,
Mas, tem medo dos teus medos,
Tem medo até de gemer:
Podias esconjural-a...
Antes mil vezes morrer!

Ai, nunca, nunca a esconjures!
Não fujas... tem compaixão!
Essa alma que não te larga
Sahiu do meu coração!
E' um segredo... não contes...
Não tenhas mais medo, não!

J. GALENO.

ESTATUETAS

II

Gera-se fibra a fibra 'alma visível
Infusa no ideal, no pensamento;
Lê-se, e a materia fura o firmamento...
Basta! Lhe diz a incognita—Impossível!

E o espirito naufrago e sem alento
Rastejando ao invés do inconcebível
Torna, descrente, ao musgo do seu
(ninho.

E' um rapaz. Assenta-lhe bem
este qualificativo amplo e vigoroso.
Tem os tons pacatos de um inglez
maniac faltando-lhe porem, para
complemento do *spleen* ordinario a
bolsa de viagem, as suissas e o cha-
peo cortica.

Está alli um poeta, denuncia-o a
perspectiva physionomica, mas a-
borrecido das etiquetas da rima e do
metro, fez o seu pensamento tomar o
trem da phantasia e apanhar de pen-
na em punho por uns milagres de
photographia instantanea paysagens
e quadros de um vigor e naturalidade
admiraveis.

Não é poeta mas sahiu philosopho,
si é que philosophia antes de bacha-
rellar-se era, como pensamos, uma
observadora simplesmente investiga-
dora e minudente.

A' primeira vista o nosso typo de-
nota uma compleição morbida, mas
não, não é.

Ha um tic de morbidez no todo,
mas não é a fraqueza physica que
lhe tolhe a vocação. Na lucidez do
seu genio a sua penna scintilla na
profundeza dos mais nitidos senti-
mentos como nas anfractuosiidades
mais asperas das analyses psycholo-
gicas.

Tem nas descripções dos mais li-
geiros contos a tenção vigorosa de
Zola e é no realismo que acentua gra-
dualmente a correção do seu es-
tylo.

Nota-se-lhe nos labios terminados
em ponta de riso um esboço de es-
carneo reprimido. Alli 'naquellas
duas pregas meio arregaçadas dos

cantos da bocca ha o quer que é de
riso sardonico.

As feições são vividas e os olhos
farejam felmente as coisas como
dois cães de guarda á porta das orbi-
tas bem dispostas sobre a baze de um
nariz romano.

Nos supersilios ha como que uma
affirmativa constante quando os o-
lhos dançam interrogações investi-
gadoras.

Typo esbelto, franzino. Trage sim-
plesmente burguez.

Na nossa opinião o estatuario errou
o typo, isto é—quiz engendrar um
poeta e sahiu-lhes um philosopho, si
é que possa haver differença entre os
dous.

A proposito desta estatueta traze-
mos aqui para junto d'ella este for-
moso pedaço de um quadro que d'el-
la se originou:

DESCEU AOS INFERNOS

Um espaço abria-se no sopé do
throno do Senhor, e ahi estendia-se
uma linha de homens que se ajoel-
havam silenciosos, pegando, junto
ao queixo, n'uma toalha comprida
que ja do primeiro ao derradeiro.
Levantaram-se e foram succeden-
do outros, debaixo de taciturno re-
colhimento. O celebrante ia e vinha
na extensão da fileira, disendo umas
palavras latinas, com a patena so-
bre a mão esquerda e com a direi-
ta depositando na lingua de cada
conviva a particula consagrada. A
companhavam-no dous acolytos,
sustentando castiças doiradas em
que ardiam tochas. Os presos re-
cebiam o corpo de Jesus, por um
processo duplo de metamorphose
e multiplicação.

Então percebia-se bem o caracte-
ristico d'aquelles infelizes. Cór es-
tiolada, onde não reponta o sangue;
olhar, humildemente fixo; movi-
mentos um pouco hanzeiros; uni-
formidade no aceio e nos actos, hy-
pocrisia da obediencia forçada: di-
versidade no trage, desde a camisa
de inadapolão até à sobrecasaca,
segundo as posses, comparecendo
cada um com a roupinha melhor.
Homens d'aquelles tomam a exis-
tencia ao serio, e isto fora, por ven-
tura o erro da mór parte. Quem re-
conhecesse a bobage das questões
humanas não se enfesava até o cri-
me. A virtude, rindo e alegre se
pratica, mas o crime, não. O crime
presuppõe a carranca do homem se-
rio, a furia do bebado, ou a loucu-
ra....

As cremonias emendaram-se, mis-
sa, comunhao, khristma e prédica.
O sol esquentava cada vez mais, la-
vando o salão com bâtegas de luz.
La se pondo em evidencia a pobreza
do recinto.

A sentinella bradou as armas lá
fora, rendia-se a guarda. A festa foi

declinando. O pão asymo cessara o
seu effeito espiritual, desappareci-
do nas reviravoltas intestinaes. Os
presos levantaram-se com o corpo
leve de quem pagou uma divida omi-
nosa.

E os visitantes, agglomerados na
varanda do norte, no topo do corre-
dor, abysmavam-se no panorama
do beira-mar cearense, melancoli-
co e suave. Cada onda, bem ao lon-
ge, vivia a sua vida de um instante,
vindo outra, e outra, e mais ou-
tra...

As seges rodavam na rua da Mi-
sericordia levando a cleresia e os
magnatas. Todos retiravam-se. A
corneta estridulava puxando para o
quartel a guarda rendida. E os pre-
sos voltavam a vegetar no fundo
das prisões.

UM EPISODIO NA VIA-FERREA.

O vagão estava condemnado a
morte, por ter aberto um abomi-
nável precedente. Faria recuar aos
matutos, e dar certa victoriasinha
de sarcasmo aos bois e burros e
de carroto.

Foi o réo deposto nas mãos fu-
riosas da turba. Agua e machado!
Carreguem-no para a Lagoinha! En-
gatem a makhina e deem-no de
espectáculo trilho arriba! Isola es-
se leproso! E assim foi a victima
succumbindo aos empuchões como
judas de capim. E' que o fogo en-
raivece como o sangue.

Estripavam-no através dos las-
cões. E por ahi vomitava algodão
ardente que o povo espalhava como
o sal a seccar, em camadas, que se
envolviam subitamente n'uma relva
de fogo rasteiro. Povo e fogo, tudo
a mesma corja.

E n'esse duplo destruir, o carro
parecia um enorme porco, todo fu-
rado e comido e assado vivo, com
as banhas alvamente derramadas,
sob os toques meio azues do luar.
Havia chammas verdadeiramente
femininas, lembrando a historia da
mulher do gancho.

—Laranja!

E olha a pandega. Os caixotes ar-
rebentavam, e as fructas rolando
eram apanhadas. Começou um fogo
affavel de peteca, por entre o flam-
mejar, por entre os jactos de agua,
por entre saias e calças.

—Policia, policia!

—Aqui ninguem toca. Sim se-
nhor.

E as fructas receberam ordem de
prisão.

—Olha couro salgado. Fum! que
cheiro de chifre!

Ao amanhecer, jasia o taboleiro
sobre as rodas, com os taipaes en-
carvoados, lacerados, em completo
aniquilamento; bem como os des-
troços das mercadorias, viajuras

manquês que a esta hora julgam talvez estar embarcando para Liverpool.

GIL BERT

OS QUINZE DIAS

Com a solução da questão militar dizem uns que perdeu muito o governo, porque não querendo ceder em pontos de honra, afundou-se; outros são de parecer que quem perdeu foi o exercito, por haver accedido a mediação dos Srs. Silveira Martins e Affonso Celso, dous *Migueis do Meio* com que ninguem contava; outros pensam que foram os republicanos quem perdeu no negocio, pois que com esta occasião foi-se o ensejo de pegarem fraco o e desapercebido o governo, vacillantes as instituições.

Pode ser que sejam boas todas as opiniões supramencionadas, mas não posso estar de accordo com ellas. Para mim, cá no meu modo de entender, quem foi verdadeiramente roubado com a tal solução fomos nós as chronistas, os que em determinados dias do mez temos de botar para alli casos e factos de encher o olho e de encher tiras de almaço, que sirvam de pasto ao cubitoso apetite do assignante exigente.

Sim, meus Senhores, antes de tudo a questão militar era...um assumpto.

Sim, aquillo era protinho feito e adubado ao gosto universal, que com mais ou menos pimenta servia-se a todos os leitores e todos ficavam pedindo mais.

Figure o leitor que eu escrevi para um publico affeioado ao Sr. de Cotegipe. Era só começar assim:

« Os anarchistas continuam a levantar celeuma por causa da denominada questão militar. O governo, porem, firme na consciencia do proprio dever e convicto do apoio da nação e da coroa, permance calmo e sereno no seu posto de honra, de onde saberá fazer respeitar a lei e a auctoridade, fazendo sentir ao exercito que o soldado é uma força automata e que a nação repelle horrosada o despotismo do sabre.»

Agora, escrevendo para os militares e ses adeptos, era esta a variante:

« Continua a questão militar a preoccupar o espirito publico e reclamar uma solução prompta e completa que satisfaça à dignidade do exercito vilipendiada por um governo absurdo que prefere ao brilho da farda a cuspinhada da rhetorica inane de um deputado pulha.»

E esta outra para o publico impar-

cial, que não se apaixonou, mas que quer o seu socego a todo tranze:

« Altas razões d'estado reclamam prompta solução da denominada questão militar, de modo honroso para o governo e para o exercito etc. »

E muitas outras maneiras de dizer.

Agora, porem, estamos privados d'aquelle pratinho feito e temperado. Os Srs. S. Martins & Affonso Celso fizeram-se padrinhos do governo e o senado assumiu papel inteiramente novo entre as instituições; a questão foi resolvida a contento de ambas as partes, como ressam os telegrammas officiaes, e nós, os chronistas, que vamos bater a outra porta, porque a questão militar não é mais assumpto!

Seja pelo amor de Deus...

Os augustos herdeiros destas conquistas, das quaes fazemos parte como subdito fiel e reverente, voltaram de sua viagem ao velho mundo. Suas Altezas chegaram de perfeita saude, deus louvado.

A Sr.^a Condessa d'Eu chrisinou-se na França. A' capucha, sem intervenção episcopal, passou à chamar-se Condessa de S. Christovam, annunciam os jornaes da Europa e explicam que foi este o meio de que se serviu a esposa do Sr. Gastão d'Orleans para escusar se às relações de boa hospedagem do governo da republica, o feroz governo que expulsou do territorio francez uns santinhos da felpa dos primos e tios do heróe do perrigoso combate de Pirrebeui.

E' bonito e efficaz o expediente. Si a Sr.^a D. Izabel chega-se à França com o seu verdadeiro nome e o rotulo da familia imperial do Brazil. o governo do Sr. Grevy estava na obrigação, pelo menos, de mandar saber como passava S. Altesa e seu heroico e augusto esposo e mais obrigação. A Condessa de S. Christovam, porem, podia entrar na cidade de Victor Hugo quanta vez quizesse que não seria incommodada, porque alli nunca ninguem viu mais gorda a Sr.^a Condessa de S. Christovam.

No imperio, porem quando o *Gironde* enfrentou o braço de pedra, com que Pernambuco parte as vagas, a Serenissima Princesa Imperial dignou-se romper o veio de espesso incaguito em que se encobria e saltou na terra de Nunes Machado como filha de seu pae, herdeira do throno em cujos degraus já tem um pé.

E muitas foram as ovações, enorme o regosijo publico, Idem na côrte.

Tudo isso prova que as instituições que felizmente nos regem estão seguras como casa velha e quando a parca implacavel quizer cer-

cear a vida do nosso sabio monarchar é não fazer cerimonia, porque não nos apanha desapercebidos para resistir a tamanho desastre. Um principe de Orleans alliado com uma neta dos Bourbons pode muito bem levar o imperio... à gloria.

E, pois, vivam as instituições, ainda que não possamos com o mesmo entusiasmo dizer—Viva o Rei! porque o rei não está lá muito para que digamos, o que sentimos deveras.

Outro monarcha illustre está neste momento a preoccupar as agencias telegraphicas, por ter-se amelindrado muito sua preciosa, precaria e imperial saude.

O rei Guilherme da Allemanha, anda muito fraco, tão fraco que não pôde mais sahir de seus aposentos.

Juntem a isso o facto importantissimo de ter S. M. 90 annos e pico e vejam si não é mesmo para andarem activos os reporteras e as agencias telegraphicas.

O principe herdeiro da coroa teu tonica tambem tem passado mal de sua tosse e pensam alguns que S. A. está mesmo em peiores condições do que seu venerando pae.

Bem se vê que as côrtes andam inquietas e que os quinze dias decarridos tiveram como facto culminante as macacões imperiaes.

J. L.

O VIGARIO

Intolerante e mau. Parece que dos ceos Fez ha muito o seu lar, a sua propriedade, E quando falla ao pavo em nome do seu (Deus

E' como quem dispõe de toda a eternidade.

Dizem que fez um mappa—a lista excom (mungada De muitos infieis que pensam livremente, E a todos vota horror e tem escancarada A garganta do inferno,—o abysmo incan- (descente.

Em tanto esse patife, inflado de pastor De ovelhas que tosquia, infame sem pudor, Venera a boa meza e ama os fatuos bri- (lhos

Do luxo e da impureza. E isto tanto é (certo Que conserva d'outr'ora ali, de si bem (perto A velha concubina e dez ou doze tilhos.

Fortaleza,—1887.

J. MARTINS.

Letras e Artes

O movimento litterario no paiz tem sido muito moderado nos ultimos mezes; nullo, poderamos mesmo dizer, pois, que não tem vindo á luz

trabalhos de folego, obras que fiquem livros, finalmente.

Todavia nota-se na imprensa alguma animação e diversas revistas tem apparecido, de character scientifico e litterario.

Não mencionando *A Semana*, typo em seu genero e que já alcançou condições de estabilidade e promette tomar desenvolvimento, como já-mais o teve nenhuma folha litteraria, entre nós, o Rio de Janeiro mantém presentemente quatro outras publicações quasi do mesmo genero e todas, parece, prosperam razoavelmente.

Em algumas provincias, os pequenos nucleos de homens de lettras que nellas existem, tem-se representado ultimamente na imprensa, e no norte e no sul começam a ser menos raras as publicações de character mais ou menos litterario.

S. Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Espirito Santo, Bahia, Pará e, ultimamente, o Piahy dão-nos alguns bons specimens do genero.

No Maranhão, porem, nota-se uma especie de estagnação litteraria e artistica.

Sem offensa ao melindre da gloriosa patria de Gonçalves Dias, pode-se afirmar que a vida intellectual concentra-se alli no limitado circulo dos laboriosos redactores da *Pacotilha*, jornal de feição boulevardeira, adiantada e sympathica.

Em Pernambuco os muitos elementos existentes permanecem esparsos, raramente se congregam ou se congregam frouxamente.

E' assim que tem sido infructiferos os esforços tenacissimos de Isidoro Martins Junior e alguns outros trabalhadores de talento e vontade para darem alento ás diversas tentativas feitas para manutenção de empresas jornalisticas, que se apartem do typo chato e massudo da folha partidaria pretenciosa, balôfa e inutil.

De um golpe de vista rapido sobre a vida litteraria do paiz, resulta que o periodo que atravessamos é auspicioso para as lettras e até talvez mesmo seja a vespera de verdadeiros acontecimentos litterarios.

De Portugal, são verdadeiramente agradaveis as noticias que chegam.

Um dos diarios da imprensa de Lisboa, exprime-se assim em um de seus numeros do mez passado :

«Não se diga que não ha movimento litterario no nosso paiz. Estamos mesmo atravessando um periodo de fertilidade do trabalho com que todos nos devemos honrar. Ain ta ha pouco annunciavamos a applicação da «Virgem em Hespanha», de Anselmo de Andrade, um livro de viagens como raramente se escreve não só em Portugal como lá fóra. Depois veio a traducção do «Hamlet», prefaciada com um estudo critico do seu traductor, José Anto-

nio de Freitas, estudo que pode ser alvo de todas as discussões, duvidas e discordancias, mas que, incontestavelmente, manifesta muito talento, ainda mesmo que a doutrina que advoga não seja mais do que uma utopia. O livro de Arnalho Ortigão, «John Bull», uma bella critica sobre a vida ingleza, tem tido entre nós o acolhimento extraordinario que as obras do illustre escriptor sempre despertam. Para os «gourmets» das coisas litterarias temos ainda a registrar «O livro de Cesario Verde», publicado e prefaciado por Silva Pinto, um livro de verso, encantadores pela forma e pela originalidade que tinha esse rap z, arrebatado em plena mocidade, em pleno vigor da intelligencia; um livro que é, ao mesmo tempo, a homenagem d'um amigo dedicado, que, generosamente, o espilha pelos admiradores d'esse pobre rapaz que para se fazer conhecido e apreciado não precisou da «claque» velhaca d'uma «camaraderie» interesseira.

Agora temos uma outra novidade litteraria: «A Reliquia», de Eça de Queiroz, um romance ha tanto tempo annunciado, esperado, impacientemente, todos os dias e que, em breve, desaparecerá das livrarias tal é o assalto dos seus entusiastas.»

A *Reliquia* está sendo publicada na *Gazeta de Noticias*, em folhetim e já appareceu nas livrarias da corte e do Pará.

Ao Ceará é que ha de chegar quando ninguem mais por ahi quizer lê-la, pois que, aqui, em tratando-se de novidade litteraria as livrarias são ainda da opinião da preguiça — andar de vagar para chegar de pressa.

CONTRASTE

Que val da tez a alvura deslustrante,
Os bellos tons dos labios nacarados,
A luz dos olhos vivos, annegrados,
Como no espaço um ponto radiante ?

O rosto oval de traços bem correctos,
Supercilios traçados á pincel,
Contornos de invejar um bom cinzel
E dotes naturaes os mais discretos ?

Quando tu, tão formosa quão perdida,
Obedecendo ás leis de um atavismo
Alardeias o vicio com cynismo
Fazendo contrastar teu rosto e vida !

RODOLPHO THEOPHILLO.

O CAIPÓRA

O *Caipóra* é das superstições populares, que passaram para a mythologia indiana, uma das mais interessantes e celebres.

São substancialmente differentes as descrições que temos delle, quanto ao seu tamanho, figura, usos e costumes—

E' caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar ;
Quando alguem o encontra nas es-
(tradas,

Saltando encrusilhadas,
Se põe a exconjurar !

E' alma de um tapuyo
Fazendo diabruras no sertão...
Cavalgando o *queixada* mais bravo
Transpõe valles e rio
Com um cachimbo na mão.

Assombrado das manadas,
Enreda a onça em moitas de cipó ;
De montanha em montanha vae pu-
(lando,
Vae quasi que voando,
Suspenso n'um pé só !

Mello Moraes Filho, MYTHOS E POÈ-
MAS.

—E' *caboclinho* encantado, dos cabellos duros, que apparece nas florestas ermas, *benigno* para uns e *maligno* para outros; domina as feras, fuma constantemente e passeia n'um caetitú (que acoita com uma chibata de japecanga), se encontra o transviado pede-lhe fumo e, se o nega, agarra-o e, na garupa do seu caetitú, leva-o para as grotas, affim de servir-lhe de pasto ao seu selvagem banquete. (J. Galeno, «Scenas Populares», Notas, pag. 280, e «Lendas e Canções Populares», Notas, pag. 407.)

—*Gigante* pelludo, montado em um enorme porco selvagem, e taugendo uma vara de animaes da mesma especie, q' de vez em quando elle excita com gritos. Apparece ao caçador que quer destruir uma familia inteira de animaes selvagens, esgotando assim uma fonte de alimentação, e seu encontro presagia-lhe desgraça e má sorte continua em todas as emprezas. (Emilio Allain, «Quelques Donneés sur la capitale et sur l'administration du Brésil», pag. 141)

—*Miniatura de gente*, que anda com varas de caetitú, montado no maior de todos elles, máu agouro era encontral-o, donde vem chamar-se *Caipóra* ao homem a quem sae ao revez. (G. Dias, «Diccionario Tupy».)

—Veste a feição de um indio, *anão* de estatura, com arinas proporcionadas ao seu tamanho; habita os troncos das arvores carcomidas, para onde attrahe os meninos, que apanha desgarrados nas florestas. Outras vezes devaga sobre um tapyr (anta), ou governa uma vara de infinitos caetitús, cavalgando o maior delles. Os vagalumes são os seus batedores, e é tão forte o seu condão que o indio que por desgraça o avistasse era mal succedido em todos os seus passos. (G. Dias, «Brazil e Oceania», na «Rev. do Instituto Historico», Tom. 30, pag. 103; nota 144.)

—*Homem c Blossa*, de corpo pelludo, montado em um porco do matto, ninguem o pode ver *sem ser extremamente infeliz pelo resto de sua vida*; é um ente tão máu que não pôde ser visto sem que arraste á infelicidade a quem o avistar. (Couto Magalhães, «O Selvagem», Parte 3.ª, pag. 130.)

—Ente phantastico que, segundo a erendice peculiar á cada região do Brazil, é representado, ora como «uma mulher unipede» que anda aos saltos, ora como «uma creança de cabeça enorme», ora como «um caboclinho encantado». Esses entes habitam as florestas ermas, donde sahem á noute a percorrer as estradas. Infeliz d'aquelle que encontrar o Caipora. Nesse dia tudo lhe sahe mal, e outro tanto lhe acontecerá nos dias seguintes, enquanto estiver sob a impressão do terror, que lhe causou o fatal encontro. (Beaurepaire Robau, «Glossario de Vocabulos Brasileiros, na «Gazeta Litteraria da Côrte», Vol. 1.º, pag. 281.)

Era tambem protector das florestas, em cujas arvores, sobretudo o cedro, não consentia que se tocasse impunemente.—

Não derribes meus cedros, murmurava

(va o genio das florestas apparecendo adiante de um vizir,—sinão eu juro punir-te rijamente! E no entanto o vizir derribou a sancta selva! Alguns annos depois foi condemnado ao cutello do algóz. Quando encostava a cabeça febril no duro cepo recuou atterrado: Eternos deuses! Este cepo é de cedro! E sobre a terra a cabeça rolou banhada em sangue! Fagundes Varella, «O Vizir».

—Phantasmas das florestas. Macedo, «Lições de Historia do Brazil», pag. 49.

—Lume fatuo que apparece nas mattas. Moraes, «Dic. da Ling. Port.» Constancio, «Nov. Dic. Crit. e Etym. da Ling. Port.», Faria, «Nov. Dic. da Ling. Port.», Caldas Aulette, «Dic. Contemp. da Ling. Port.», João de Deus, «Dic. Proz. de Portug. e Braz.»

Mas esta superstição popular será pura criação do indigena do Brazil?

A dar credito a Taine, os typos verdadeiramente ideaes só nascem nas epochas primilivas e innocentes. E' sempre a esses tempos, aos sonhos da infancia humana, que se deve remontar para encontrar os heróes e os deuses. Cada povo tem o seu, arrancados dos seus corações, alimentados por suas legendas, e á proporção que esse povo se adianta atravez da solidão inexplorada das edades novas e da futura historia, suas imagens immortaes deixam deante de seus olhos outros tantos genios bemfazejos, encarregados de guial-os, protegel-os. Taes são os heróes nas epopeas populares.—Sierfried, no «Nielungen», Rolando, nas velhas crenças do geste, o Cid, no Romanceiro, Roston no Livro dos Reis, Antar na Arabia, e Ulysses e Achilles na Grecia. («Ideal na Arte», pag. 167.)

Ora, não conhecemos chronista que atteste a existencia desse typo popular na mythologia indiana primitiva do Brazil.

Poderia bem ser invenção dos primeiros padres para chamarem os indios á vida social, ou dos colonos para explicarem o desaparecimento dos meninos que elles talvez tivessem roubado. (G. Dias, «Brazil e Oceania cit., pag. cit.)

A versão de Moraes—«o vulgo diz que são almas de caboclos mortos sem baptismo» bem está denunciando a origem jesuitica dessa lenda, introduzida entre os selvagens brazilecos com um nome indigena (1), para fazel-a popular e chamar mais depressa por esse meio—esses entes supersticiosos ao gremio da igreja catholica e á obediencia dos preceitos religiosos.

Na Europa a mesma lenda era conhecida, sob outra forma e outro nome, desde a mais remota antiguidade.

Na antiga Roma já eram conhecidos os *Lemures* (2), almas ou sombras dos maos que, separados dos corpos, perseguiam os vivos, superstição celebrada por Ovidio em suas «Metamorphoses».

E' em outros termos o *quinon* hespanhol (piscar do olho), ou o *guignon* francez (do verbo *guigner* piscar os olhos): má sorte principalmente no jogo; especie de genio malfazejo empregado nos contos infantis para significar ou explicar contrariedades successivas. E. Littré, «Dict. de la Lang. Franç.», Araripe Junior, «Luizinha», Notas, pag. 241.

A's vezes tambem se encontra escripto—*Guillon* :

Lá vint un postillon,
Qui m'aportait *guillon*
Me suivant á la trace,
A' la seule parole
D'une femme trop folle ;
Maudite soit sa race.

Marot., «Euvres choisies, II, 162.

Quanto á Metropole, as «Allegorias», diz Theophilo Braga, estavam no gosto das entidades rhetoricas da litteratura dos Jesuitas, que então se apoderaram da educação publica. As derivações mais notaveis desta corrente são o «Grand Cyrus», a «Cle-

(1) Caipóra é palavra guarany (Varnhagen, Hist. Ger. do Braz., Tom. 1.º, pag. 44), composta de *cua* matto e *póra* habitante: habitante do matto. Martius, Gloss. Ling. Braz., pag. 494, Baptista Caetano, Vocab. de Palavr. Guar., pag. 63 e 412.

(2) Lemures, segundo Court de Gebelin, se deriva de *ur* luz, em *chald.*; segundo outros de *ollumi* matar, offender, em grego. Me parece corruptela de Remures ou Remuria, do nome de Remus, cuja morte pelo irmão Romulo, fundador de Roma, foi a primeira expiada no gosto das Remurias, festividades creadas contra os Remures. Chrompré, Dic. Abrev. de Fab.

lia», a «Astréa», e a sua mais exagerada concepção o «Pays de Tendre», cujo bucolismo chilro penetrou no gosto publico e nos costumes sociaes até ao tempo do Romantismo. Em Portugal achamos um dos typos mais completos do genero; é a «Historia do Predestinado Peregrino» tirada d'essa extraordinaria allegoria ingleza o «Pilgrim's Progress», de Bunian, que era *anabatista* e combatia nella o baptismo, sendo apezar disso aproveitada pelo jesuita Alexandre de Gusmão. («Theoria da Litteratura Portugueza», pag. 79.)

E em outra parte accrescenta o mesmo erudito escriptor:—O que os jesuitas fizeram em Portugal repetiram-no no Brazil; o padre Fernão Cardin, descrevendo as aldeias de indios catéchisados, falla das crianças que elles educavam:—«Estes meninos fallam o portuguez, cantam a doutrina pela rua e encommendam as almas do purgatori» (Introdução aos «Contos Populares do Brazil, colligidos pelo Dr. Silvio Romero», pag. 17.)

Quem não vê no «Caipóra» a mais perfeita afinidade com os Lemures dos Romanos, Guignon dos Hespanhóes, e Guignon ou Guillon dos Francezes etc. ?

Transplantada a lenda de paizes povoados e cultos para outro completamente inculto, despovoado, de mattas virgens quasi todo, havia de por força receber a mais plena e universal acceitação e soffrer transformações sensiveis, vazadas no molde especial e rude da indole supersticiosa do aborigene, fanatico pela jurema e dominado pelo pajé.

PAULINO NOGUEIRA.

AVISOS

Club Litterario

Amanhã ás 12 horas do dia ha sessão do CLUB LITTERARIO.

São convidados os Srs. socios.

M. O. PAIVA,

Secretario.

A QUINZENA

Rogo aos Srs. assignantes, cujas assignaturas estão vencidas, o favor de reformal-as, para não ser sustada a remessa.

JOSE' OLYMPIO.
Gerente

ANNUNCIOS

A QUINZENA

Escriptorio da Redacção

RUA DO MAJOR FACUNDO--56
 Todos os negocios relativos à administração trata-se com
 O gerente,
 JOSE' OLYMPIO.

CLUB LITTERARIO

56--RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Abre-se diariamente das 10 horas da manhã às 10 da noite.

Acham-se à disposição dos Srs. socios jornaes e revistas nacionaes e estrangeiros.

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

Motta Vieira & C.^a

88--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.

Notie-Bame de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES
 RUA DA BOA-VISTA N. 41

Este estabelecimento se acha montado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim officer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.

Especialidade em calçados de luxo, chapéus e tecidos, novidades.

Enxovaes para casamentos e baptizados.

NABOR A. CHAGAS & C.
 Ceará.

COSTA SOUZA

Especialidades em fazendas modernas, chapéus, calçados, luvas e perfumarias finas.

Fortaleza

86-B Rua do Major Facundo

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso cmeo, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

LOTERIAS CEARENSES**GARANTIDAS****NOVO PLANO**

Extracções todas as semanas, sem transfe-
 rencia. Bilhetes à venda nas ca-
 sas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.**J. WEILL & C.^a**

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

Joalheria. Relogios
 de todos os generos

Compram sempre **ouro velho** e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobílias etc
 Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

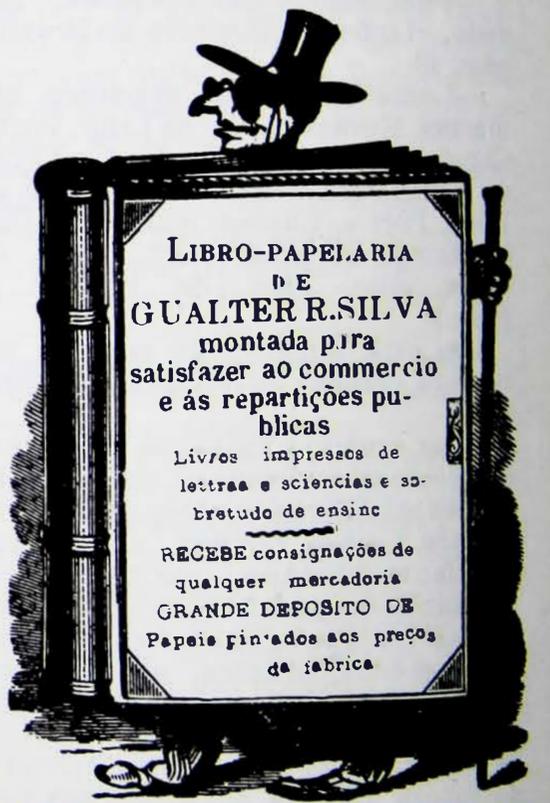
GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

RUA FORMOZA N.º 71.



LIBRO-PAPELARIA
 DE
 GUALTER R. SILVA
 montada para
 satisfazer ao commercio
 e ás repartições pu-
 blicas

Livros impressos de
 lettras e sciencias e so-
 bretudo de ensino

RECEBE consignações de
 qualquer mercadoria

GRANDE DEPOSITO DE
 Papeis pintados aos preços
 da fabrica

Pharmacia Albano

GRANDE DEPOSITO
 DE

Productos chimicos e especialida-
 des pharmaceuticas
 nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeo-
 pathia em tintura, globulos e cartei-
 ras. Receitas a qualquer hora. Pre-
 ços modicos.

36--RUA DA BOA-VISTA--36

CEARA'